

## IMPACTOS DA PANDEMIA DA COVID-19 NA PARTICIPAÇÃO DO BRINCAR DE CRIANÇAS COM CARDIOPATIA: PERCEPÇÃO DE MÃES E CRIANÇAS

Impacts of the covid-19 pandemic on the play participation of children with heart disease: perceptions of mothers and children

Impactos de la pandemia de covid-19 en la participación lúdica de niños con enfermedades cardíacas: percepciones de madres y niños

Isabel Cristina Santos Rodrigues

<https://orcid.org/0000-0001-9899-5816>

Universidade do Estado do Pará. Terapia Ocupacional Belém, PA, Brasil.

Juliana de Silva Lima

<https://orcid.org/0000-0001-7267-6374>

Universidade do Estado do Pará. Terapia Ocupacional. Belém, PA, Brasil.

Karla Maria Coelho Siqueira Aita

<https://orcid.org/0000-0001-8707-2370>

Universidade do Estado do Pará. Terapia Ocupacional. Belém, PA, Brasil.

Débora Ribeiro da Silva Campos Folha

<https://orcid.org/0000-0002-0743-603X>

Universidade do Estado do Pará. Terapia Ocupacional. Belém, PA, Brasil.

Raiza Moraes Rodrigues

<https://orcid.org/0000-0003-0877-8944>

Universidade do Estado do Pará. Belém, PA, Brasil.

### Resumo

**Introdução:** As Cardiopatias Congênitas podem desencadear alterações relacionadas ao desenvolvimento infantil. Somando-se ao risco de desenvolvimento atípico causado pelo quadro cardiológico, no contexto pandêmico a criança pode também vivenciar alterações advindas do isolamento social. Ademais, pode ocorrer a supervalorização da doença pelo cuidador, gerando limitações na participação da criança no brincar. **Objetivo:** Compreender os impactos da pandemia da COVID-19 para a participação da criança com cardiopatia no brincar. **Métodos:** Foi realizado um estudo de abordagem qualitativa, no qual participaram seis crianças com idades entre 7 e 12 anos em atendimento ambulatorial e suas respectivas mães. Como instrumento de coleta de dados, utilizou-se a entrevista estruturada. Para a análise dos dados, foi adotada a técnica de Análise do Conteúdo. **Resultados:** Emergiram quatro categorias de análise a partir de elementos como as interferências da cardiopatia e da COVID-19 no brincar e na rotina das crianças. O novo cenário ocasionou mudanças na rotina da maioria das crianças participantes devido às medidas de distanciamento social e ao receio de contrair o vírus. Além disso, grande parte associou a COVID-19 com sentimentos de ansiedade e solidão, o que interferiu na motivação e participação no brincar. **Conclusão:** O contexto pandêmico, bem como o isolamento social advindo dele, provocaram mudanças na rotina das crianças com cardiopatia. As narrativas possibilitam notar os impactos negativos nos aspectos psicoemocionais das crianças, interferindo na participação destas no brincar.

**Palavras-chave:** Brincar. Cardiopatia. Pandemia COVID-19. Criança. Terapia Ocupacional.

### Abstract

**Introduction:** Congenital heart defects can changes children development. In the pandemic context, the child may also experience changes resulting from social isolation. Furthermore, there may be overvaluation of the disease by the parents, creating limitations in the child's participation in playing. **Objective:** To comprehend the impacts of the COVID-19 pandemic on the participation in play of children with heart disease. **Method:** A study with a qualitative approach was carried out, in which six children aged between 7 and 12 years old in outpatient care and their mothers participated. The structured interview was used as an instrument for data collection. For data analysis, the Content Analysis technique was adopted. **Results:** Four categories of analysis emerged, based on elements such as the interference of heart disease and COVID-19 in children's play and routine. The new context led to changes in the routine of most participating children due to social distancing measures and the fear of contracting the virus. In addition, most associated COVID-19 with feelings of anxiety and loneliness, which interfered with motivation and participation in playing. **Conclusion:** The pandemic context, as well as the social isolation resulting from it, caused changes in the routine of children with heart disease. The narratives make it possible to note the negative impacts on the psycho-emotional aspects of children, interfering in their participation in playing.

**Keywords:** Play. Heart disease. COVID-19 pandemic. Child. Occupational therapy.

### Resumen

**Introducción:** Las cardiopatías congénitas pueden desencadenar cambios relacionados con el desarrollo infantil. En el contexto de la pandemia, el niño también puede experimentar cambios derivados del aislamiento social. Además, puede haber sobrevaloración de la enfermedad por parte del cuidador, creando limitaciones en la participación del niño en jugar. **Objetivo:** Comprender los impactos de la pandemia de COVID-19 en la participación en el juego de niños con enfermedades cardíacas. **Método:** Se realizó un estudio con enfoque cualitativo que participaron seis niños con edades entre 7 y 12 años en atención ambulatoria y sus madres. Como instrumento de recolección de datos se utilizó la entrevista estructurada. Para el análisis de datos, se adoptó la técnica de Análisis de Contenido. **Resultados:** Surgieron cuatro categorías de análisis, a partir de elementos como la interferencia de las cardiopatías y la COVID-19 en jugar y la rutina de los niños. El nuevo escenario provocó cambios en la rutina de la mayoría de los niños participantes debido a las medidas de distanciamento social y el miedo a contraer el virus. Además, la mayoría asoció el COVID-19 con sentimientos de ansiedad y soledad, lo que interfirió con la motivación y la participación en jugar. **Conclusión:** El contexto pandémico, así como el aislamiento social derivado de ella, provocó cambios en la rutina de los niños con cardiopatías. Las narrativas permiten notar los impactos negativos en los aspectos psicoemocionales de los niños, interfiriendo en su participación en jugar.

**Palabras clave:** Jugar. Cardiopatía. Pandemia de COVID-19. Niño. Terapia ocupacional.

### Como citar:

Rodrigues, I. C. S.; Lima, J. S.; Aita, K. M. C. S.; Folha, D. R. S. C.; Rodrigues, R. M. (2024). Impactos da pandemia da covid-19 na participação do brincar de crianças com cardiopatia: percepção de mães e crianças. Rev. Interinst. Bras. Ter. Ocup. 8(2), 10.47222/2526-3544.rbto59114.

## Introdução

As cardiopatias congênitas (CC) são definidas como anormalidades estruturais do coração ou dos vasos intratorácicos, constituindo uma das anomalias congênitas mais frequentes ao nascimento. No Brasil, estima-se que em 20% dos casos a cura é espontânea e está relacionada a defeitos menos complexos e de repercussão hemodinâmica discreta. Sabe-se que quanto mais precoce o diagnóstico e a intervenção, menores são os índices de mortalidade e as taxas de readmissões hospitalares, melhorando, assim, a qualidade de vida dessas crianças (Jesus et al., 2018).

Oliveira & Franco (2020) utilizaram instrumentos avaliativos para o desenvolvimento e concluíram que crianças com cardiopatias apresentam déficits em diferentes etapas do crescimento tanto global como de áreas específicas, de maneira que o impacto cardíaco não é restrito ao segmento motor, mas também cognitivo, linguagem, social e emocional. Concluindo, assim, que a CC interfere diretamente na forma com que a criança se relaciona com o meio que vive, podendo acarretar dificuldades na aquisição de independência e habilidades envolvidas na participação em ocupações.

Nesse sentido, a CC, como uma condição que pode dificultar o desenvolvimento neuropsicomotor adequado, necessita do apoio de uma equipe multiprofissional capacitada a desenvolver as potencialidades da criança, com o objetivo de promover a independência. O terapeuta ocupacional pode atuar na expectativa de melhorar a qualidade de vida dessas crianças, por meio da interação com o contexto social, pois ele é fundamental para a conquista de habilidades motoras, cognitivas e sociais (Amaral et al., 2019).

Nas famílias de crianças com doenças crônicas, um dos motivos que gera ansiedade e sofrimento é o medo da morte, logo, em meio ao emaranhado de sentimentos, os pais se veem diante do sentimento de culpa, que pode levar à superproteção e à excessiva preocupação com a criança. Embora a convivência diária com a doença aumente os conhecimentos sobre a situação do filho, a sensação de não saber realizar o cuidado, como também o receio em prestar um cuidado percebido como difícil, se faz presente no cotidiano (De Mendonça, 2018). Essa situação pode promover condutas familiares que acabam por inibir a participação das crianças em ocupações cotidianas.

A Associação Americana de Terapia Ocupacional – AOTA (2020) – categoriza o brincar como uma ocupação humana, tornando-o, assim, um dos domínios de foco de intervenção do terapeuta ocupacional. O brincar, como ocupação fundamental no desenvolvimento infantil, possibilita à criança imaginar, criar, se conhecer, se relacionar com o mundo e experimentar novas sensações. Por meio dele, é possível favorecer o desenvolvimento da criança, a fim de que ela adquira novas habilidades para desempenhar suas demais ocupações (De Campos et al., 2017).

O brincar é uma forma de dominar a realidade, pois a partir da brincadeira, a criança faz uma relação entre o familiar e o desconhecido. Apreende-se que se trata muito mais que um comportamento, é uma atitude subjetiva, isto é, brincar suscita, além dos gestos e do brinquedo, um estado de espírito particular, uma predisposição interna (Ferland, 2006).

Na prática da Terapia Ocupacional, a ocupação brincar é muito utilizada como recurso para intervenção, visando a aquisição de habilidades sociais, emocionais e físicas, favorecendo o desenvolvimento íntegro e saudável da população infantil (Sposito et al., 2018). Para além de reconhecer o brincar enquanto uma ocupação estruturante do cotidiano infantil e de utilizá-lo enquanto um recurso de intervenção, o brincar é, reconhecidamente, um fim, no sentido de que a participação no brincar é uma meta a ser alcançada a partir da intervenção profissional. A Terapia Ocupacional, nessa perspectiva, busca contribuir para a saúde da criança adoecida em seu sentido amplo, considerando não somente a doença, mas as repercussões do adoecimento no cotidiano, especialmente no brincar (Grigollato et al., 2016).

Diante do novo cenário pandêmico causado pela COVID-19, as crianças tiveram seu cotidiano modificado, principalmente as que apresentaram condições crônicas devido ao receio de contrair a doença. Antunes et al. (2020), em sua revisão de escopo acerca da infecção por COVID-19 na população pediátrica com doenças crônicas, apontou que essa população está mais suscetível e vulnerável ao vírus.

O isolamento social como medida de contenção da disseminação do vírus no contexto pandêmico ocasionou o afastamento escolar e expôs as crianças a um quadro de maior vulnerabilidade, pois a falta de interações com os colegas e de uma rotina estabelecida com responsabilidades a cumprir está diretamente relacionada a prejuízos na saúde, como inatividade física, hábitos alimentares desfavoráveis, sono irregular e aumento do uso de telas. Isto posto, é nítido que mudanças no cotidiano das crianças, durante a pandemia da COVID-19, trouxeram consequências negativas, repercutindo no seu comportamento (Rocha et al., 2021).

Nesse sentido, essa pesquisa apresenta-se como uma discussão relevante para o aprofundamento do estudo da infância, a fim de compreender as interferências do isolamento social, junto à cardiopatia, no brincar da criança. Considerando que crianças com cardiopatia podem ter seu desenvolvimento afetado pelo quadro clínico, ao somar com as consequências pandêmicas, questiona-se de que maneira a participação dessas crianças no brincar pode ser afetada. O objetivo deste trabalho consiste em compreender os impactos da pandemia da COVID-19 para a participação da criança com cardiopatia no brincar.

## **Métodos**

Este estudo se desenvolveu por meio da metodologia qualitativa, descritiva e transversal sobre a percepção de mães e crianças com cardiopatia sobre as interferências da COVID-10 na participação do brincar. A pesquisa ocorreu no ambulatório de um hospital de referência especializado no cuidado à criança com cardiopatia, localizado em Belém, Pará, em julho de 2022. A triagem dos colaboradores e a aplicação do instrumento de coleta de dados ocorreram na sala de espera do ambulatório. Não houve interferência externa no momento da coleta de dados.

Os participantes deste estudo foram 6 crianças com diagnóstico de cardiopatia em acompanhamento ambulatorial com a idade entre 7 e 12 anos e suas respectivas mães, totalizando 12 participantes. Os critérios de inclusão consistiram em crianças com diagnóstico de cardiopatia em acompanhamento ambulatorial que assinaram o Termo de Assentimento Livre e Esclarecido (TALE) e suas referentes mães

que assinaram o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE). Como critérios de exclusão, definiu-se: a criança não ter histórico de realização cirúrgica nos últimos três meses anteriores à realização da entrevista. Ressalta-se que, a princípio, poderiam participar da pesquisa os pais ou as mães das crianças, porém, no momento da coleta dos dados, apenas as mães estavam presentes acompanhando seus filhos.

Esse estudo obteve dados por meio do uso de duas entrevistas estruturadas, uma aplicada com as crianças e a outra com as mães. Na entrevista aplicada com as mães, coletou-se dados em relação à data de nascimento, diagnóstico, tempo de diagnóstico e histórico de internação da criança. Além disso, havia cinco perguntas direcionadas a coletar dados referentes à percepção da importância do brincar para o desenvolvimento do filho, as interferências da cardiopatia no brincar da criança e as influências da COVID-19 na rotina e no brincar do seu filho (a). Na entrevista com as crianças havia cinco perguntas voltadas ao entendimento delas sobre a sua saúde e idas com frequência aos atendimentos médicos, a percepção delas sobre influência da cardiopatia e da pandemia COVID -19 nas brincadeiras e o que elas faziam a respeito quando sentiam dificuldades durante o brincar. A aplicação do instrumento de pesquisa foi realizada pelas pesquisadoras com cada colaborador em um tempo médio de 15 minutos. Os registros das entrevistas foram anotados manualmente e não foram acrescentadas nenhuma pergunta além das formuladas previamente pelas pesquisadoras. Ressalta-se que não houve contato anterior a essa pesquisa com os participantes.

A entrevista é uma das técnicas mais comuns e importantes no estudo e na compreensão do ser humano. Uma das formas de entrevista mais utilizada é a entrevista estruturada, a qual é elaborada mediante um roteiro estabelecido, no qual as perguntas são predeterminadas e tem-se o cuidado de não fugir a elas (Sant'ana & Lemos, 2018).

Para a investigação dos dados coletados nas entrevistas, foi utilizada a análise de conteúdo de Bardin (2011), em que uma das etapas descrita como "categorização" permitiu organizar os resultados de modo a potencializar sua interpretação de acordo com os objetivos da pesquisa. Para o trabalho, as categorias, descritas nos resultados, foram construídas a partir dos dados obtidos nas entrevistas, objetivando organizar os resultados de acordo com os objetivos da pesquisa.

Esta pesquisa é resultado de um Trabalho de Conclusão de Curso em Terapia Ocupacional e foi aprovada pelo Comitê de Ética do Hospital, sob o parecer de número 5.503.074/2022. Os preceitos da Declaração de Helsinque, do Código de Nuremberg e das Normas de Pesquisa Envolvendo Seres Humanos do Conselho Nacional de Saúde foram respeitados neste trabalho.

## **Resultados**

A caracterização das crianças colaboradoras foi direcionada a partir da idade, gênero e procedência e a mãe responsável, conforme descrito na Tabela 1.

**Tabela 1:** Caracterização das crianças participantes da pesquisa

<b>Criança</b>	<b>Idade (anos)</b>	<b>Gênero</b>	<b>Procedência</b>	<b>Mãe</b>
C1	12	Feminino	Região Metropolitana de Belém, Pará	R1
C2	9	Feminino	Zona Rural de Barcarena, Pará	R2
C3	8	Masculino	Região Metropolitana de Belém, Pará	R3
C4	11	Masculino	Região Metropolitana de Belém, Pará	R4
C5	8	Masculino	Região Metropolitana de Belém, Pará	R5
C6	7	Feminino	Macapá, Amapá	R6

**Fonte:** Elaboração dos autores (2023)

Para a análise dos resultados da pesquisa foi utilizada a análise de conteúdo de Bardin (2011). Na etapa descrita como "categorização", foram criadas quatro categorias, elencadas abaixo.

### **1 A importância do brincar para a criança com cardiopatia de acordo com a percepção das mães**

As 6 mães entrevistadas atribuíram importância do brincar para as crianças. Um dos significados relatados por R4 e R5 está associado ao desenvolvimento da criança:

R4: *"É como ele se desenvolve socialmente e nas outras áreas."*

R5: *"É onde ele se desenvolve melhor."*

R2 e R3 relacionam o brincar ao bem-estar e à interação social da criança.

R2: *"A criança fica bem quando brinca"*

R3: *"A criança tem que brincar, interagir com os outros"*

### **2 A interferência da cardiopatia no brincar da criança**

De acordo com a percepção de suas mães

A maioria das mães também referiam impactos da cardiopatia no brincar, relacionados principalmente à dificuldade para fazer esforço, cansaço e aumento da frequência cardíaca, como afirmaram:

R2: *"Ele se sente cansado ao brincar de pular."*

R3: *"No futebol e na piscina ele se cansa mais rápido"*

R6: *"Ela pula fica cansada e o coração acelera."*

Nota-se que as mães compreenderam que a ocupação brincar é relevante para o desenvolvimento dos seus filhos, porém perceberam possíveis riscos de brincadeiras para eles. A mãe R4 demonstra preocupação em seu filho realizar esforços ao brincar, relatando:

R4: *"Existe a preocupação em ele fazer esforço."*

Além disso, outro impacto da cardiopatia no brincar foi discutido por R5, relacionado às crises de saúde recorrentes do filho com cardiopatia:

R5: *"Ele é mais calmo nas brincadeiras e fica doente com muita facilidade."*

De acordo com a percepção da criança com cardiopatia

A maioria das crianças relata perceber impactos da cardiopatia na sua participação no brincar, principalmente relacionados à dispneia e aceleração da frequência cardiorrespiratória, como afirmam as crianças 3, 4 e 6:

C3: *"Canso rápido quando corro e brinco de pega-pega."*

C4: *"Meu coração acelera muito e não posso correr."*

C6: *"Quando corro, meu coração acelera muito e canso rápido."*

As falas de C3, C4 e C6 indicaram que elas têm a percepção que a cardiopatia interfere na sua participação no brincar. Na entrevista, as crianças citaram que, diante do aumento da frequência cardiorrespiratória durante o brincar, a conduta que costumam implementar é a de interromper temporariamente a atividade, retornando após a diminuição da sensação de cansaço.

### **3 A interferência da Covid-19 na rotina da criança com cardiopatia de acordo com a percepção das mães**

R3, R5 e R6 relataram como principal impacto na rotina de seus filhos o impedimento de ir à escola e a influência disto nas relações sociais e na imersão do sentimento de solidão, afirmando:

R3: *"Não tinha rotina em casa pois deixou de ir à escola."*

R5: *"Ele parou de ir à escola, assistia mais TV em casa, ficou mais triste por estar se sentindo sozinho."*

R6: *"Parou de ir à escola e passou a ficar mais tempo sozinho."*

### **4 A interferência da Covid-19 no brincar da criança com cardiopatia**

De acordo com a percepção das mães

A Pandemia da Covid-19, de acordo com as mães R3 e R6, interferiu no brincar de seus filhos.

R3: *"Ele não saia de casa pra brincar, ficava muito ansioso e preocupado."*

R6: *"Ela passou a brincar mais sozinha."*

A mãe R4 demonstrou preocupação em relação à suscetibilidade do filho em contrair a doença, afirmando:

*"Antes ele brincava na escola, depois só em casa. Até porque eu tenho medo dele contrair o vírus, então não deixo ele sair."*

No entanto, a mãe R1 não notou impactos significativos do contexto pandêmico no brincar, afirmando:

*"Ela sempre foi uma criança que prefere ficar em casa",*

Não atribuindo mudanças no brincar da criança, visto que, na percepção da responsável, ela se desenvolvia apenas no ambiente domiciliar.

Já a mãe R2 correlaciona a falta de impactos do isolamento social ao local onde a família reside, relatando:

*"Sempre moramos em sítio, então ela não deixou de brincar, apenas não ia para a escola."*

De acordo com a percepção da criança com cardiopatia

No contexto pandêmico, de acordo com a percepção das crianças, houve interferência nos diferentes modos de participação no brincar. Grande parte associou a COVID-19 aos sentimentos de ansiedade e solidão, devido às medidas de isolamento necessárias para o controle da transmissão do vírus, como afirmam os participantes:

C1: *"Fiquei em casa sem interação e me sentia triste."*

C5: *"Não ia pra escola, pra praça e brincava sozinha em casa. Ficava ansiosa."*

C6: *"As pessoas ficavam doentes e eu tinha que ficar sozinha em casa."*

Apesar da percepção ser majoritariamente negativa, C3 afirmou: *"Eu queria sair pra brincar e tinha que ficar em casa, mas gostei de brincar mais com meus pais"*. Nesse sentido, associou o contexto pandêmico com a maior participação dos pais na ocupação brincar.

Além disso, foi possível notar a influência do local de moradia nos impactos relacionados ao isolamento social, como afirma C2, a qual residia em zona rural, diferentemente dos outros colaboradores:

C2: *"Fiquei brincando com as mesmas coisas no sítio, brincava no igarapé, brincava de boneca, brincava com meus primos",* retratando pouca influência desta medida em seu cotidiano.

## Discussão

O brincar é uma ocupação infantil significativa e fundamental, sendo considerado o principal papel ocupacional na infância. A noção de brincar enquanto uma ocupação infantil é um tema amplamente abordado, o que o faz ser considerado a principal ocupação na infância (Bartie et al., 2016; Rodger & Ziviani, 1999). Outros estudos sugerem a centralidade do brincar para a infância e o protagonismo do brincar no âmbito da Terapia Ocupacional (Folha & Della Barba, 2020; Ferland, 2006). Nesse sentido, o brincar é vital para o desenvolvimento infantil, pois proporciona benefícios físicos, emocionais, cognitivos e sociais. Ele permite que as crianças adquiram habilidades motoras, experimentem seu repertório social e simulem cenários alternativos (Grigolatto et al., 2016).

Crianças com uma doença crônica podem apresentar alterações na estrutura ou função corporal, limitações em diversas atividades importantes para seu desenvolvimento e restrição na participação social, em função de seu quadro clínico. Essas condições podem afetar negativamente o brincar, consequentemente, limitando a participação infantil nele. Nesse sentido, é de suma importância que o contexto familiar no qual a criança está inserida seja um ambiente seguro e envolvente que estimule e possibilite a participação no brincar (Nijhof et al., 2018).

A percepção das mães sobre a importância do brincar, expressa nas falas de R4 e R5 na primeira categoria apresentada, potencializa a participação das crianças na ocupação brincar. Folha & Della Barba (2020) afirmam que o domicílio e a escola são os principais contextos de aprendizagem e realização de ocupações infantis, sendo considerados os ambientes mais relevantes para o provimento de cuidados, visto que são os ambientes imediatos na infância. Nesses cenários, a criança se envolve em ocupações, as quais são estruturantes para o desenvolvimento e participação.

Na segunda categoria descrita, a fala da mãe R4 evidencia a sua aflição em relação ao seu filho fazer grandes esforços físicos nas brincadeiras. As autoras Carine & Madeira (2006) afirmam que os pais da criança com cardiopatia tendem a cercar seus filhos de cuidados de forma a proteger de possíveis sofrimentos gerados pela doença ou mesmo para tentar compensar de alguma forma seu sofrimento. Isso pode restringir a participação da criança em suas ocupações.

A pandemia provocada pelo novo coronavírus ocasionou mudanças na realidade escolar com o fechamento compulsório das escolas desde o mês de março de 2020. Nesse novo cenário, houve dificuldade na dinâmica da rotina familiar, na qual os pais apresentaram preocupações em relação ao desenvolvimento das habilidades sociais dos seus filhos, visto que o ambiente escolar permite a interação social, pois as crianças estão em contato com outras crianças da sua faixa etária (Dutra et. al, 2020). Observa-se, na terceira categoria, essa preocupação nos relatos das mães R3, R5 e R6.

O estudo descritivo de Grossi et. al (2020), cujo objetivo foi apresentar os impactos da pandemia da COVID-19 na educação, sob a perspectiva das famílias, apresenta o relato dos pais frente aos sentimentos dos filhos diante do cenário do ensino remoto. Foi exposto pelos pais entrevistados que seus filhos estavam sentindo saudades da escola, dos professores e de seus colegas. As crianças mencionaram

sentir a falta do estar junto, da interação entre seus colegas, bem como a falta da presença física dos seus professores.

No contexto em que o surgimento de um novo vírus, ainda com sequelas e manifestações desconhecidas, torna-se parte do cotidiano das famílias, compreende-se o receio da suscetibilidade da criança com cardiopatia à apresentação grave da doença, como relata a mãe R4 na quarta categoria. No entanto, Rodrigues et al. (2022) afirmam que a fisiopatologia da doença COVID-19 em crianças com CC ainda não está totalmente elucidada e relatam falta de estudos que relacionem pacientes pediátricos com cardiopatias congênitas infectados pelo coronavírus.

Alsaied et al. (2020) aprofundam a compreensão sobre o assunto ao discutirem três cenários que fundamentam preocupação com a população pediátrica com cardiopatia em relação ao vírus, sendo estes listados abaixo:

1. As manifestações cardiovasculares do vírus, tanto na população saudável quanto na população com doenças crônicas;
2. A resposta imunológica de pacientes com cardiopatia a quadros virais passados, como ao vírus da *influenza*;
3. Os efeitos cardiovasculares de medicações utilizadas no tratamento para COVID-19.

Os autores apontam que a preexistência de doenças cardiovasculares aumenta o risco de morte em pacientes com COVID-19 devido a provável alteração da resposta imunológica. A lesão miocárdica é observada nesses pacientes em decorrência da elevação da troponina causada pelo coronavírus. Isso pode levar a um quadro de arritmia devido ao estresse, inflamação e anormalidades metabólicas.

Foi possível identificar que a vivência de alterações na rotina diária das crianças durante a pandemia da Covid-19 foi marcada pela permanência nos ambientes domésticos com a suspensão de visitas a espaços físicos como escolas, casa de familiares e amigos, atividades de lazer e de exercício físico. Pesquisas apontam que crianças nesse período apresentaram sintomas como: sentimento de solidão, ansiedade, depressão, letargia, interação social prejudicada e apetite reduzido, o que se torna um fator de risco para saúde e desenvolvimento dos menores (Jiao et al., 2020).

O estudo descritivo-exploratório de Medeiros et al. (2021) investigou a continuidade do cuidado às crianças com condições crônicas durante a pandemia da COVID-19 na percepção dos pais. Os responsáveis relataram as dificuldades com a suspensão dos acompanhamentos de saúde de seus filhos devido a pandemia, evidenciando sobrecarga emocional e psicológica para essas famílias. Os sintomas psicológicos dos responsáveis foram associados a preocupações com o desenvolvimento infantil durante o isolamento social e ao risco de contágio da COVID-19.

O isolamento social foi uma medida tomada para conter a disseminação do coronavírus e proteger os indivíduos durante a pandemia. O estudo transversal de Paiva et al. (2021) analisou o comportamento infantil de crianças de 6 a 12 anos durante distanciamento social em face da pandemia de COVID-19, no

qual verificaram alterações no comportamento infantil, como agitação, agressividade, desânimo, irritabilidade, medo e ansiedade, os quais estiveram presentes em mais de 52% das 530 crianças entrevistadas.

O presente estudo possibilitou ouvir as crianças, desvelando suas perspectivas sobre o vivido, no que tange ao objeto de estudo abordado. Oliveira (2011) considera que envolver crianças na pesquisa significa conhecê-las, torná-las protagonistas na narrativa que versa sobre elas, seus fazeres e os significados a elas atribuídos. Em uma perspectiva ocupacional, pode-se reconhecer os benefícios das crianças aprenderem e desenvolverem esta autopercepção das suas próprias ocupações, refletindo sobre aspectos que traduzem facetas das ocupações infantis, como: tomada de decisão sobre o uso do tempo, da forma de realizar determinada ocupação, das adaptações necessárias e das possíveis para a participação nas ocupações que querem fazer, precisam fazer e no que espera que façam na fase de desenvolvimento em que se encontram.

Foi possível, portanto, conhecer os participantes desta pesquisa, por exemplo, na quarta categoria analisada, pelos relatos das crianças C1, C5 e C6 indicando que elas atribuíram esses sentimentos de ansiedade e solidão ao isolamento social, o qual proporcionou uma ruptura em seu cotidiano. Aydogdu (2020) afirma que durante o isolamento social, ocasionado pela pandemia, as crianças viram suas rotinas serem alteradas, com a necessidade de fazer o distanciamento de família e de amigos, além de ausentar-se do contexto escolar, dos passeios e das brincadeiras ao ar livre. Essas alterações no cotidiano trouxeram consequências negativas para a saúde mental infantil.

Ainda na quarta categoria apresentada, o relato da criança C2 indicou uma baixa influência da medida de distanciamento social em populações geograficamente distanciadas, como por exemplo em áreas rurais, diferentemente do que foi observado em centros urbanos. Vale ressaltar que não foram encontrados estudos que argumentem sobre os impactos da medida de isolamento social para esta população.

Contudo, a pesquisa realizada por Fonseca et. al (2020) sobre o comportamento de moradores da zona rural, no âmbito da atenção primária durante a pandemia, revelou que, apesar de se compreender a importância do distanciamento para a contenção do vírus, uma minoria destes indivíduos demonstrou não considerar relevante a prática dessa conduta. O estudo revela que uma das explicações possíveis para esse fato é a restrição de acesso à internet por parte dos moradores de zonas rurais, o que representou um empecilho para o esclarecimento e enfrentamento da crise.

## **Conclusão**

A pesquisa objetivou compreender a participação de crianças com cardiopatia no brincar durante a pandemia da COVID-19, de acordo com os relatos das crianças e das mães participantes. As narrativas possibilitaram captar a presença de elementos em suas rotinas no período pandêmico, somado ao quadro clínico da cardiopatia, que limitaram a participação no brincar.

O brincar é uma importante ocupação que contribui para todos os domínios do desenvolvimento infantil, permitindo que a criança aprenda e compreenda o mundo do qual faz parte, pois a atividade lúdica

proporciona uma relação com o mundo físico e social. Compreende-se que o brincar é uma ocupação espontânea da criança que carrega consigo estímulos relacionados à fantasia e à imaginação, oportunizando o aprimoramento de diversas capacidades no âmbito afetivo, cognitivo, motor e social. Nesse sentido, é necessário que a família proporcione, incentive e participe de práticas que favoreçam o desenvolvimento dessas capacidades.

O impacto negativo do isolamento social no aspecto psicoemocional foi relatado de modo significativo, tanto pelos pais quanto pelas crianças participantes. Além disso, o afastamento das escolas foi associado como uma mudança ocasionada pela pandemia, ocorrendo, portanto, a perda de um ambiente que permite o desenvolvimento de habilidades cognitivas, psicomotoras, de linguagem e lúdicas. Sob a perspectiva da Terapia Ocupacional, entende-se que essas privações reverberam na forma de prejuízos na participação infantil em ocupações que contribuíram para a promoção da sua aprendizagem, participação social e desenvolvimento de modo geral.

O terapeuta ocupacional em suas intervenções com crianças com cardiopatia deve ter a compreensão das interações entre a criança, suas ocupações e os ambientes que frequenta, sendo um facilitador do envolvimento ocupacional infantil e da adaptação das ocupações infantis, fomentando, ainda, orientações para famílias no sentido de promover a participação infantil em ocupações, neste caso, no brincar.

Os objetivos deste estudo foram alcançados. Considera-se a relevância desse tema para o campo da saúde e para os terapeutas ocupacionais que oferecem assistência à criança com cardiopatia. Essa pesquisa permitiu otimizar e aprofundar o entendimento dos pontos que atravessam esta realidade e pode subsidiar intervenções que colaborem para favorecimento da participação de crianças cardiopatas no brincar.

## Referências

- Alsaied, T., Aboulhosn, J. A., Cotts, T. B., Daniels, C. J., Etheridge, S. P., Feltes, T. F., Gurvitz, M. Z., Lewin, M. B., Oster, M. E., & Saidi, A. (2020). Coronavirus Disease 2019 (COVID-19) Pandemic Implications in Pediatric and Adult Congenital Heart Disease. *Journal of the American Heart Association*, 9(12), 1-29. <https://doi.org/10.1161/JAHA.120.017224>
- Amaral, I. G. S., Corrêa, V. A. C., & Aita, K. M. S. C. (2019). Perfil de independência no autocuidado da criança com Síndrome de Down e com cardiopatia congênita. *Cadernos Brasileiros de Terapia Ocupacional*, 27(3), 555-563. <https://doi.org/10.4322/2526-8910.ctoAO1659>
- American Occupational Therapy Association – AOTA. (2020). Occupational therapy practice framework: domain and process. *The American Journal of Occupational Therapy*, 74(Supl. 2), 1-87. <http://dx.doi.org/10.5014/ajot.2020.74S2001>
- Antunes, B. S., Kinalski, D. D. F., Schneider, V., Da Silva, A. F., & Da Motta, M. G. C. A. (2020). COVID-19 e as crianças com doenças crônicas: revisão de escopo. *Research, Society and Development*, 9(12), 1-30. <http://dx.doi.org/10.33448/rsd-v9i12.10748>

Aydogdu, A. L. F. (2020). Saúde mental das crianças durante a pandemia causada pelo novo coronavírus: revisão integrativa. *Journal health npeps*, 5(2), 1-17.

<http://dx.doi.org/10.30681/252610104891>

Bardin, L. (2011). *Análise de conteúdo*. Edições 70.

Bartie, M., Dunnell, A., Kaplan, J., Oosthuizen, D., Smit, D., Dyk, A., Cloete, L., & Duvenage, M. (2016). The play experiences of preschool children from a Low-socio-economic rural community in Worcester, South Africa. *Occupational Therapy International*, 23(2), 91-102.

<https://doi.org/10.1002/oti.1404>

Carine, R., & Madeira, A. M. F. (2006). O significado de ser mãe de um filho portador de cardiopatia: um estudo fenomenológico. *Revista da Escola de Enfermagem da USP [online]*, 40(1), 42-49.

<https://doi.org/10.1590/S0080-62342006000100006>

De Campos, S. D. F., Mazer-Gonçalves, S. M., Dos Santos, E., & Maronesi, L. C. (2017). O brincar para o desenvolvimento do esquema corporal, orientação espacial e temporal: análise de uma intervenção.

*Cadernos Brasileiros de Terapia Ocupacional*, 2(2), 275-285. <http://dx.doi.org/10.4322/0104-4931.ctoAO0820>

De Mendonça, C. R. L. F. (2018). Sobre ocupar-se de cuidar do filho no hospital: o que dizem as mães de crianças cardiopatas? *Revista de Terapia Ocupacional da Universidade de São Paulo*, 29(3), 263-269.

<http://dx.doi.org/10.11606/issn.2238-6149.v29i3p263-269>

Dutra, J. L. C., Carvalho, N. C. C., & Saraiva, T. A. R. (2020). Os efeitos da pandemia de COVID-19 na saúde mental das crianças. *Pedagogia em Ação*, 13(1), 293-301.

<http://periodicos.pucminas.br/index.php/pedagogiacao/article/view/23772/16788>

Ferland, F. (2006). *O modelo lúdico: o brincar, a criança com deficiência física e a terapia ocupacional*. Editora Roca.

Folha, D. R. S. C., & Della Barba, P. C. S. (2020). Produção de conhecimento sobre terapia ocupacional e ocupações infantis: uma revisão de literatura. *Cadernos Brasileiros de Terapia Ocupacional*, 28(1), 227-245.

<https://doi.org/10.4322/2526-8910.ctoAR1758>

Fonseca, T. G. N., Dos Santos, E. P., Rabelo, C. F., Pachec, M. A., Franco, A. G., De Carvalho, G. A. P., Dias, S. C., Ramos, E. V., & Franco, A. B. G. (2020). Covid-19: avaliação comportamental de moradores das zonas rural e urbana usuários do SUS, no âmbito da atenção primária, do município de Cláudio - Minas Gerais - Brasil. *InterAmerican Journal of Medicine and Health*, 3(1), e202003046.

<https://doi.org/10.31005/iajmh.v3i0.135>

Grigolatto, T., Sposito, A. M. P., Panúncio-Pinto, M. P., & Pfeifer, L. I. (2016). O brincar de crianças com doenças crônicas hospitalizadas. *Rev Ciên Saúd*, 1(1), 8-16.

<http://revistaeletronicafunvic.org/index.php/c14ffd10/article/view/5/14>

- Grossi, M. G. R., Minoda, D. S., & Fonseca, R. G. P. (2020). Impacto da pandemia do COVID-19 na educação: reflexos na vida das famílias. *Teoria e Prática da Educação*, 23(3), 150-170. <https://doi.org/10.4025/tpe.v23i3.53672>
- Jesus, V. S., Nascimento, A. M., Miranda, R. A., Lima, J. S., Tyll, M. A. G., & Veríssimo, A. O. L. (2018). Fila de espera para tratamento de pacientes com cardiopatia congênita: Retrato de um centro de referência amazônico. *International Journal of Cardiovascular Sciences*, 31(4), 374-382. <https://doi.org/10.5935/2359-4802.20180035>
- Jiao, W. Y., Wang, L. N., Liu, J., Fang, S. F., & Jiao, F. Y., Pettoello-Mantovani M. & Somekh, E. (2020). Behavioral and emotional disorders in children during the COVID-19 epidemic. *The Journal of Pediatrics [Internet]*, 221(1), 264-266. <https://doi.org/10.1016/j.jpeds.2020.03.013>
- Medeiros, J. P. B., Neves, E. T., Pitombeira, M. G. V., Figueiredo, S. V., Campos, D. B., & Gomes, I. L. V. (2021) Continuity of care for children with special healthcare needs during the COVID-19 pandemic. *Revista Brasileira de Enfermagem [online]*, 75(2), e20210150. <https://doi.org/10.1590/0034-7167-2021-0150>
- Nijhof, S. L., Vinkers, C. H., Van Geelen, S. M., Duijff, S. N., Achterberg, E. J. M., Van Der Net, J, & Veltkamp, R. C. et.al (2018). Healthy play, better coping: The importance of play for the development of children in health and disease. *Neurosci Biobehav Rev*, 95(1), 421-429. <https://doi.org/10.1016/j.neubiorev.2018.09.024>
- Oliveira, E.S.A. & Franco, R. C. (2020). Impacto da cardiopatia congênita no desenvolvimento motor. *Revista Científica UMC*, 5(3), 1-9, 2020. <http://seer.umc.br/index.php/revistaumc/article/download/1442/895>
- Oliveira, Z.M.R.O. (2011). *Educação infantil: fundamentos e métodos*. Cortez.
- Paiva, E. D., Da Silva, L. R., Machado, E. D., De Aguiar, R. C. B., Garcia, K. R. S., & Aciolly, P. G. M. (2021). Child behavior during the social distancing in the COVID-19 pandemic. *Revista Brasileira de Enfermagem [online]*, 74(1), e20200762. <https://doi.org/10.1590/0034-7167-2020-0762>
- Rocha, M. F. A., Veloso, W. G, Bezerra, R. E. A, Gomes, L. A, & Marcolino, A. B. L. (2021). O impacto da pandemia do covid-19 na saúde infanto-juvenil: um estudo transversal. *Brazilian Journal of Health Review*, 4(1), 3483-3497. <https://www.brazilianjournals.com/index.php/BJHR/article/download/25137/20036>
- Rodger, S., Ziviani, J. (1999). Play-based Occupational Therapy. *International Journal of Disability, Development and Education*, 46(3), 337-65. <https://doi.org/10.1080/103491299100542>
- Rodrigues, L. M. D., Da Silva, R. A., Dos Santos, M. L. C., Miranda, I. B., Do Nascimento, A. K. S., De Lemos, M. B., & De Oliveira Filho, L. J. et.al (2022). Crianças com Cardiopatia Congênita como grupo de risco para a COVID-19: revisão da literatura. *Brazilian Journal of Health View*, 5(1), 2529-2538. <https://doi.org/10.34119/bjhrv5n1-226>

Sant'ana, W. P., & Lemos, G. C. (2018). Metodologia Científica: a pesquisa qualitativa nas visões de Lüdke e André. *Revista Eletrônica Científica Ensino Interdisciplinar*, 4(12), 531-541.

<https://periodicos.apps.uern.br/index.php/RECEI/article/view/1710>

Sposito, A. M. P., Garcia-Schinzari, N. R., Mitre, R. M. A, Pfeifer, L. I, De Lima, R. A. G., & Nascimento, L. C. (2018). O melhor da hospitalização: contribuições do brincar para o enfrentamento da quimioterapia. *Av. Enferm*, 36(3), 328-337. <https://doi.org/10.15446/av.enferm.v36n3.61319>

**Contribuição dos autores:** I. C. S. R. e J. S. L.: Concepção do projeto, coleta de dados, concepção do texto, sistematização e categorização dos dados, elaboração das análises, organização das fontes, redação do texto. K. M. C. S. A: Orientação do trabalho, análise dos dados, revisão do texto. D. B. S. C. F e R. M. R: análise dos dados e revisão do texto.

**Recebido em:** 04/06/2023

**Aceito em:** 11/01/2024

**Publicado em:** 30/04/2024

**Editor(a):** Carolina Maria do Carmos Alonso